

EVOLUÇÃO ESTRATIGRÁFICA DA SEÇÃO JURO-NEOCOMIANA DA BACIA DO ARARIPE, NORDESTE DO BRASIL

Claiton Marlon dos Santos Scherer¹, Emanuel Ferraz Jardim de Sá², Valéria Centurion Córdoba², Debora do Carmo Sousa², Mayara Martins Aquino³, Fátima Maria Canelas Cardoso²

¹UFRGS, ²UFRN, ³PETROBRAS

RESUMO: A seção juro-neocomiana da Bacia do Araripe pode ser subdivida em quatro sequências deposicionais limitadas por discordâncias regionais, representando diferentes contextos paleogeográficos e paleambientais. A Sequência 1, correspondente litoestratigraficamente à Formação Brejo Santo, é composta por depósitos de canais fluviais efêmeros e de planície de inundação. A Sequência 2, correspondentente à porção inferior da Formação Missão Velha, é composta por corpos arenosos amalgamados interpretados como depósitos de um sistema fluvial entrelaçado desenvolvido sobre uma ampla planície aluvial. Os depósitos fluviais das sequências 1 e 2 possuem paleocorrentes para SE. A Sequência 3, correspondente ao intervalo superior da Formação Missão Velha, é composta por corpos amalgamados das associações de fácies de fluxos torrenciais (na base) e de canais fluviais entrelaçados, estes últimos apresentando uma arquitetura de fácies similar aquela dos depósitos fluviais da Sequência 2, porém com paleocorrentes para SW a NW. A Sequência 4, equivalente à Formação Abaiara, é caracterizada por um espesso pacote composto por sistemas fluviais (canais fluviais mendrantes) e deltaicos (associações de fácies de prodelta, frente deltaica e canais fluviais distributários). Os depósitos fluviais e deltaicos da Sequência 4 apresentam uma alta dispersão no sentido das paleocorrentes, sem a possibilidade de definição de um vetor médio. As sequências 1 e 2 foram depositadas em uma ampla sinéclise que extrapolava os atuais limites da bacia do Araripe, formada em decorrência dos esforços distensivos relacionados aos estágios iniciais do rifteamento. Por outro lado, a Sequência 3 marca uma mudança regional da rede de drenagem, também verificada em outras bacias do nordeste brasileiro (vide Kuchle et al., neste simpósio), associada a movimentações tectônicas que comparimentaram a ampla bacia pretérita, definindo bacias hidrográficas mais localizadas separadas por altos internos, numa configuração inicial do sistema de grabens em evolução. A Sequência 4, por sua vez, é caracterizada por uma espessa sucessão de depósitos flúvio-deltaico-lacustres, indicativa de um contexto com uma alta taxa de geração de espaço de acomodação. Este fato, aliado a ampla dispersão no sentido de paleocorrentes e a relação em *onlap* dos estratos da Sequência 4 sobre a Sequência 3, é condizente com a implantação de meio-grabens. O influxo sedimentar em meio-grabens ocorre a partir de diferentes regiões (margem flexural, margem falhada, influxo axial ..), resultando em uma alta dispersão das paleocorrentes quando se analisa distintos setores ou intervalos estratigráficos da bacia, similar ao que pode ser observado nos depósitos da Sequência 4. Corroborando a idéia de uma intensa tectônica extensional concomitante com a sedimentação da Sequência 4, podem ser citadas as

feições de truncamento de estratos (discordâncias internas) e de falhas precoces (sindeposicionais), bem como o espessamento de camadas em direção a falhas normais lítricas. Sendo assim, a Sequência 4 pode ser considerada como o registro pleno do estágio de meio-graben.

PALAVRAS CHAVE: BACIA DO ARARIPE, JURÁSSICO SUPERIOR-CRETÁCEO INFERIOR.